CÓDIGO A2 (entrevista)

Idade?

ENTREVISTADO - 56, 57 anos em julho. 57.

Começar com perguntas Gerais, a composição da sua família?

ENTREVISTADO - tem esposa, duas filhas em casa né, O que mora comigo né. Então tenho três filhas né que uma já é casada. E daí que mora aqui comigo sã, a mulher e duas filhas e uma netinha

A filha que saiu, ela saiu porque se casou?

ENTREVISTADO - ela mora ali. Mora próximo.

Ela continua trabalhando, ela é produtora?

ENTREVISTADO - Ela é produtora, ela tem a lavoura dela, né. Ela e o marido dela quem cuida das atividades dela. Também são cooperados.

A origem da sua família?

ENTREVISTADO - Nós viemos lá do Sul, de onde Santa Catarina.

E estão a quanto tempo aqui na região?

ENTREVISTADO - Chegamos em 90 aqui, 30 anos. Maio agora fez 30.

A aréa da propriedade?

ENTREVISTADO - 50 hectares.

A sua atividade principal?

ENTREVISTADO - É Safs.

Sua mão de obra é contratada ou é familiar?

ENTREVISTADO - É famíliar

Eu vou perguntar mais mais para frente mas a sua relação com o mercado é sempre via coopertativa?

ENTREVISTADO - Sim.

Você exerce outro tipo de atividade remunerada ou só mesmo da cooperativa?
ENTREVISTADO - Eu tenho eu tenho uma outra área, inclusive a área que mora minha filha, então ali lá tem pecuária também né, mas não aqui onde eu moro.

Mas no caso o senhor também gerencia isso?
ENTREVISTADO - Sim. Sim eu que gerencio. Não tá nessa área aqui de 50 hectares. Aqui nessa área só tem mesmo a vaquinha leiteira né que fica encostadinho pra gente mexer né.

Algum membro da família recebe algum auxílio do governo? auxílio pode ser pensão ou aposentadoria?
ENTREVISTADO - não só, a minha filha Recebeu agora além do auxílio maternidade. Além do auxílio maternidade ela recebeu esse do covid aí. Emergencial, né. Mas só isso. Nós não tem não. Fixo não.

Eu vou fazer perguntas sobre três aspectos tá uma questão da do aprendizados como que vocês trabalham, a outra fala dos insumos, do contexto do território e atividade relacionada ao mercado. Dentro do contexto da sua chegada aqui. Qual foi o motivo, e a sua dificuldade inicial, como foi a sua chegada. E aí quais as principais dificuldades enfrentadas. Se você já já era agricultor anteriormente? Se o senhor já tinha conhecimento.
ENTREVISTADO - eu sempre vivi da agricultura, me criei na roça e quando mudei para cá para continuar a mesma atividade só, mudar de atividade, no caso um ramo diferente de agricultura né. Lá a gente trabalhava com indústria fumajeira né, plantava, era fumicultor, que era atividade principal, e aqui a gente veio, já assim que chegamos, e a gente já, já começou a trabalhar com o RECA. Né com sistema agloflorestal. (quando o senhor chegou já tinha?) Sim, tava no segundo ano eu acho já de implante, que meus irmãos que moravam aqui já tinham plantado no, por exemplo, de dezembro de Janeiro

e eu cheguei em maio aí quando foi em dezembro e também já plantei, e segui a carreira, vim nesse local aqui, aqui.

E aí o senhor já começou com SAF?

ENTREVISTADO - Sim. Comecei com SAF desde o início.

E aí teve alguma dificuldade inicial?

ENTREVISTADO - Como que não né? Além de que naquele tempo aqui era difícil de você, conseguir alguma coisa porque para você buscar certas coisas era Rio Branco, era Porto Velho que aqui não tinha né o comércio era fraco né, tudo, e aí a gente tinha a questão por exemplo, uma estrada pra transitar era péssima. Teve anos que a gente só andava de pé ou a cavalo. Inclusive tem um morro chamado tola égua, porque os animais atolavam, é. É uma descida, ela é curta, mas ela é, já foi tirado, e além disso tinha a questão da malária né, que judiava demais. E aí, naquele tempo como tudo era muito difícil que o que sustentava gente na questão de recursos por exemplo de se manter justamente foi o RECA né. A partir dali é, que ainda bem quando a gente chegou , o dinheirinho que a gente tinha foi chega, comprar uma casa na Vila, pra minha mãe ficar por uns tempo, mais depois ela não quis nem saber, vei pro sítio também. e a minha meu irmão, cunhada e minha cunhada né, ela tava gestante, inclusive ela chegou aqui dia 13 de Maio dia 14 de junho ela teve o bebê, né então. É, quem não tinha como vir para cá, até porque o transporte era complicado a gente vinha de trator e vortava de trator, nela transporte que tinha para todo mundo aqui. Aquilo virou recurso, né virou ambulância esse trator. Um bocado de tempo, né. É porque era o que tinha aqui, pessoal sair né, alguns tinha uma bicicleta, mas se ficava doente não guenta de bicicleta, se tá doente não guenta montar, Então cavalo também, se tinha 1 ou 2 era muito. Praticamente não tinha nenhum outro tipo de transporte aqui né. E aí então a gente teve todas essas dificuldades e aí quando a gente que chegou eu conseguir assim a, sei lá de acreditar, se a gente acreditou mesmo ou se a necessidade fez a gente acreditar. Mas algo assim né, a gente chegou já, e daí tinha o incentivo das pessoas próximas da gente. Vamo trabaia junto com a gente, vamo pegar tudo no mesmo na mesma linha, e aí. Aí então nesse caso daí a gente já fez, começou a fazer as muda, o

viveiro preparar a terra e tudo. E eu ofereci meus recursos também, né. E isso então patrocinou a gente durante um bocado de tempo, porque a gente tinha até arguma coisa lá no Sul que a gente vendeu, mas a gente não recebeu o dinheiro, recebeu um pouquinho de dinheiro pra chegar, mas e despois todo ano recebia um pagamentozinho, então isso dava pra gente ir se mantendo, não pra fazer investimento, mas pra gente se manter, até que o SAF começou a produzir e a gente começou a tirar o retorno dali, né.

No caso o senhor desconhecia o SAF, não sabia trabalhar com SAF?
ENTREVISTADO - Não, não.

Quando o senhor chegou aqui, que o senhor aprendeu?
ENTREVISTADO - Sim, sim

E esse aprendizado, ele se deu por meio de outras pessoas que já estavam aqui, pela família? Como foi esse aprendizado?
ENTREVISTADO - Basicamente, tinha umas regras para se cumprirem né, toda, pra você fazer um plantio, como você tinha que fazer uma cova, como você tinha que adubar e todo dia a gente foi entrando nessa linha, e é fácil pra quem trabalha na terra, é fácil de aprender, e daí a gente começou a plantar, e não teve assim uma dificuldade né, porque a gente já é da terra.

Mas foi algum curso que você fez ou orientações?
ENTREVISTADO - Não, foi orientações, nas reuniões, é reuniões de grupo. Os que já tinha entrado no ano anterior, já comentava sobre isso, orientavam, inclusive o esquema né, quem fez um esquema para mim foi o meu irmão porque ele só é melhor você fazer assim porque aí você não põe os espinhos da Pupunha no lugar do cupuacú, e nem a castanha no lugar, junto com o cupuaçu, porque vai cair, então você planta duas coisas de cupuaçu, e você planta uma de pupunha que tem espinho, e planta castanheira porque é mais difícil de cair uma fruta, sem que você, e acertar o cupuaçu, pode cair né mais é um pouco mais difícil, né. Então coisas assim, alguém que já tinha

visto uma maneira melhor de fazer, ele me orientou assim e eu acho que foi uma coisa boa né. Porque funcionou né.

Depois que você estava aqui, aprendeu com eles, você fez algum curso?
ENTREVISTADO - Eu participei de cursos, arguns cursos lá na sede do RECA né, fazia bastante curso. É tinha do SEBRAE, tinha outro, o pessoal da EMBRAPA, fez né, instruções, eu acho, se não me engano até a EMATER, tinha sabe de várias.

Hoje em dia é bem frequente esses cursos? Já tem bastante anos que essas entidades promovem esses cursos aqui.
ENTREVISTADO - Sim. Eu acho que desde que começou, acho que desde sempre. Sempre tiveram junto. É ensinando, aprendendo, e assim por diante. (tem algumas coisas que nós ensinamos pra eles, e eles atualizam algumas coisas – Fábio) .

No caso tem alguma frequência desses cursos, se já existia e se existe hoje uma regularidade desses cursos?
ENTREVISTADO - Tá menor hoje do que teve uma época né.
(**Fábio** - hoje muitos já sabem trabalhar e quando a gente propõe para os novos, são menos pessoas, participam poucas pessoas. A gente sempre faz aquele de boas práticas, todo ano tem que fazer né. Todo ano você tem que repetir aquele curso, que é uma exigência. E aí questões assim, trabalho, mais relacionados a isso, hoje em dia. Os arranjos mesmo, menos, hoje em dia a gente não faz tanto. O que a gente vai começar a fazer agora, é isso que eu falei. De tentar mostrar possíveis modelos de integração, pecuária com árvore. SAF com pecuária, essas coisas assim, a gente, ainda não tem muitos treinamentos.)

Você enquanto agricultor, como você avalia o que você aprendeu nos cursos, nos treinamentos, se isso te ajudou bastante a desenvolver a sua produção?
ENTREVISTADO - Eu acho que sempre ajuda. Mas eu acho que não me ajudou tanto no trabalho em si da roça mesmo ali, mas dentro, mais na questão por exemplo da administração e e mais a questão da gestão assim, eu acho que foi mais em torno disso,

né. Acho que isso abriu alguns horizontes pra gente, né. Mas eu acho que não aprendeu bem, porque se a gente tivesse aprendido bem, talvez a gente taria melhor né.

Esses grupos quando vem, também faz a visita de campo?

ENTREVISTADO -Já tivemos dias específicos de campo, né. (**Fábio-** temos dias de campos, tem cursos, treinamentos, capacitações), nós tínhamos intercâmbio (Fábio – temos intercambio, entres os grupos, hoje menos frequente porque o pessoal vai mudando um pouco também) E nesse ano nem deu tempo. Esse ano foi atípico.

Entre vocês agricultores sempre tem essa discussão para melhoria de técnicas, pra troca de informações uteis, Isso acontece?

ENTREVISTADO -Sim. Até porque essa troca de experiências assim, ela sempre foi feita né. Principalmente quando tem reuniões, ah tem um problema aqui, tem outro ali, então você, oh na minha área tinha isso, e eu agi dessa forma, ou eu to trabalhando dessa forma pra tentar eliminar isso ou melhorar aquilo, ou alguma coisa assim, como por exemplo, hoje se debate muito a questão da broca, né. Que eu acho que nos últimos tempos, a gente pensava em uma época assim, que a vassoura de bruxa era uma praga, hoje em dia vassoura de bruxa não é mais praga aqui pra nós. Hoje em dia é a broca de praga. Porque essa você não vê, a vassoura de bruxa você vê ela, você vai lá e corta ela, joga ela no chão, ela não vai se proliferar mais, ela se prolifera sim, mas não tanto. Agora a broca não, essa é terrível, então essa é uma das coisas, não sei se cabe agora falar. Que aumenta muito os custos da produção, devido ao trabalho que você vai ter a mais os insumos que você tem que comprar e aplicar para tentar evitar e diminuir isso, e a perca que você tem. Então se você somar a perca, os insumos que que você teve que acrescentar mais o seu a sua mão de obra com aquilo lá e mais a perca, aí você às vezes chega quase a desanimar, é complicado. E se nós não conseguirmos, como que estamos fazendo, dar uma aliviada provavelmente podemos dizimar nosso plantio de cupuaçu aqui, eles podem vir a se acabar. E isso em menos de 20 anos, se continuar da forma que tá indo. A pesquisa que nós tiver fazendo não for eficiente.

Qual dos parceiros tem feito mais para ajudar essa peste ser eliminada?

Fábio - A EMBRAPA tem feito alguma coisa meio tímida assim, mas a gente teve que contratar o particular, a gente contratou uma pesquisa particular. Que deu assim um pouco de, um horizonte, uma direção, vamo por aqui, vamo tentar por aqui, várias práticas que ela conseguiu fazer. E os agricultores estão fazendo algumas delas, né. Uns fazem duas ou três. Outros faz um. É uma tentativa né.

E aqui, a gente resolveu fazer aqui nesse grupo, fica com parceria com reca né uma pesquisa. É uma continuar, uma continuidade da pesquisa que a particular tinha feito com a gente, porque a gente achou que, até porque tem gente que tem conhecimento sobre a questão, por exemplo a gente faz a aplicação do fungo né. Tem gente aqui que estuda bastante isso e tem um conhecimento a respeito disso, que é técnico também técnico agropecuária né. Meu sobrinho aí, e ele quando tira para estudar uma coisa, ele estuda mermo, ele estuda bastante. Então ele disse: Gente, essa prática né, esse trabalho, essa pesquisa, ela tem tudo para ser eficiente, agora a gente não sabe no que que talvez falhou. Em alguns lugar deu resultado e outros lugar não deu. Mas ele tinha, deu uma sugestão, temos que intensificar as aplicações para nós ver se realmente é isso. Então aí nós fizemos uma reunião aqui juntamos e e entramos em contato com o RECA, e então eles patrocinaram para nós um, uma aplicador, pra gente aplicar com esses microtrator né , esses de 400 litros, tem uma carretinha no só tem aquilo em cima é traçada, você vai com por dentro da roça por tudo e prepara os 400 lt passa, volta com mais 400 e vai indo até que acaba né, uma coisa rápida, que favorece. O que antes quando o particular tava nós não tínhamos uma máquina assim pra aplicar. Isso também já era uma coisa complicada que a gente trabalhava com aqueles, ou costal né aquele costal motorizado ou costal manual mesmo, aquele de bomba aqui. E isso, eu outro dia eu fiz aqui na minha propriedade com aquele manual mesmo, aquele que você tem que ficar bombando aqui passando tudo né. É terrível, aquele outro que é o costal motorizado, ele é um pouco melhor, mas só pega 13 litros de água, 13 kg, litros de água, rapidinho a cada instante assim, ele não dá para fazer quase nada você tem que abastecer ele de novo, então você perde muito tempo. E com esse outro, essa outra máquina agora então melhorou bastante. No agora, nesse inverno passado, eu acho que eu fiz cinco ou seis aplicações durante o inverno né, e a gente tá esperando que o resultado venha agora. Só que o inverno passado não foi muito bom porque quase não

choveu, choveu muito pouco, então ele dava uma chuvinha e ficava 4, 5 dias sem chuva. Você tem que aplicar ele mas o bom é quando ele está bem úmido né, pra ele se proliferar, pelo contrário ele pode morrer né, o fungo. Então a gente perdia, perdeu bastante nisso então. É mais um fator que a gente vai ter que gastar mais um ano pra ver se dá resultado. Porque aquele pode não ter sido tão eficiente quanto a gente esperava.

Verlaine Essa apliação, fungo, ela é uma aplicação orgânica ou não?
ENTREVISTADO - Orgânica. (**Fábio –** é um ser vivo né, é controle biológico)

Verlaine - mas que depende desses fatores diversos.
Fábio –Tem o que é ideal e aquilo que é possível também. A gente tá fazendo o que é possível. Ainda não conseguiu fazer o ideal. Mas é uma tentativa de fazer uma diminuída pelo menos, um ataque.

ENTREVISTADO - É porque nós temos áreas aqui com 70% de ataque, se torna praticamente inviável o produtor trabalha nela. Trabalha porque é teimoso, deve ser porque é alemão, se fosse italiano já tinha desistido, né.

Verlaine - No caso do senhor que já chegou trabalhando com SAF e continua trabalhando com saf . O senhor considera que houve diferença né houve mudanças implementadas, desde quando chegou para o que você faz hoje? Houveram mudanças na forma de você produzir, nas técnicas. Pode ser na produção, pode ser no processo. Houve alguma modificação? Que o senhor aprendeu e implementou.
ENTREVISTADO - Quando a gente plantou, a gente não sabia nem se precisava podá uma planta. A gente não sabia nem o que era vassoura de bruxa, nem conhecia. Então a gente aprendeu assim ó. Você tem que ter uma, na lavoura, você tem que tirar a vassoura de bruxa depois de alguns anos que ela veio não veio já no início. Você tem que podar, inclusive, veio o pessoal do Pará da Canta aqui e nos deram orientação como como podar né, então eles deram uma orientação mais assim, muito particulares assim né, e depois os técnicos do RECA parece que tiveram um outro curso a respeito disso. E aí a gente foi podá os cupuaçu, aí com o tempo a gente foi percebendo que se você

deixar a, eles fala saia, mais alta você consegue andar alí por baixo de boa para catar os frutos, sem problema. Você pode andar com a máquina debaixo e vai embora né. Facilitar esse trabalho, e daí na questão da vassoura-de-bruxa quando ela chegou também a gente aprendeu, depois que, cortávamos e jogávamos, carregávamos fora, levava lá para os cantos lá, as vezes tinha, vamo queimar isso, porque tem que queimar. Aí depois a gente aprendeu de quê vamos jogar ela no chão, e deixamos ela quietinha aqui no chão, e assim a gente foi, a gente não controlou vassoura-de-bruxa totalmente mas a gente consegue controlar para que ela não venha causar prejuízo né dessa forma e te dar muito menos trabalho. Você jogou no chão parou por aí, então é a maneira mais fácil de você trabalhar. E eu acho que também é até objetivo assim né. Eu acho que funciona.

Verlaine - E aí os resultados são bem melhores?
ENTREVISTADO - E quando a gente começou a trabalhar também a gente trabalhava que é inchada, terçado, foice. Depois a gente passou pra uma roçadeira costal e hoje é muito melhor a roçadeira costal faz muito mais rápido porque hoje o sombreamento já abafou tudo no mato então, tudo coisas que vão evoluindo e vai diminuindo a mão de obra. Só que não tá, isso não significa diminuiu a mão de obra que tá sobrando mais pra gente, porque a gente tem a perca, justamente na outra praga, que não é erva daninha, mas outra praga, que é a broca, que você não tá conseguindo controlar, então não significa facilitar uma coisa que então você vai ter uma renda maior. Significa apenas que você vai ter menos prejuízo né.

Verlaine - Em relação à administração da sua unidade. É o senhor mesmo que faz com que esse processo dessa administração.
ENTREVISTADO - Rapaz aqui eu sempre pergunto para mulher o que que nós vamos fazer. E aí ela diz o que nós vai fazer. Até que eu digo, não nós vão fazer aquilo outro. A gente trabalha junto, porque na verdade hoje ela trabalha muito mais que eu né, porque a limpeza das área, é quase tudo ela que faz. Eu tenho um problema de coluna e o meu trabalho é reduzido né. Então eu tenho uns trabalho que eu posso fazer ainda e tem uns que eu não posso né. Então por exemplo trabalhar de roçadeira uma coisa que não me

ajuda muito não, então aí ela trabalha com muito eficiência com a roçadeira costal. Pouco tempo ela faz muito né, então ela trabalho muito. Então a gente tem um trabalho em conjunto, então a administração é conjunto. E a conta também é em conjunto.

Verlaine - Você considera que houve mudança na gestão nos últimos anos? Houveram melhorias? Como que isso foi implementado? O senhor comentou aqui que houveram alguns cursos voltados para as áreas de gestão, isso trouxe benefícios? Corroborou bastante anos?

ENTREVISTADO - Cada aprendizado que a gente tem. Se você conseguir implantar esse aprendizado, você melhora um pouquinho e eu acho que a cada ano a gente evolue um pouco né. A cada ano mesmo que seja uma coisa que aparentemente é insignificante, você aprende um pouquinho. Mas isso isso ajuda bastante sim porque você vai adquirindo experiência né. E vai fiicando mais velho, vai ficando mais experiente e eu acho que ajuda assim tudo isso são coisas que, esses aprendizado né ajuda muito na questão da administração.

Verlaine - Em relação a questão da tecnologia. Teve alguma tecnologia que vocês viram e vocês fizeram alguma readaptação, alguma modificação para atender as suas dificuldades do dia a dia?

Fábio – Vocês são inventor de máquina. Vocês inventam algumas

ENTREVISTADO - Eu acho que, mais ou menos dentro daquilo que a gente todo aqui, nada de extraordinário que venha de fora.

Verlaine - Mas as vezes pra vocês pode não ser extraordinário, mas pra gente é. Mas às vezes você fala assim, eu só mudei isso, mas as vezes esse isso.

Fábio – Um exemplo que eu posso dar. Ele vai lembrar. Eles no início, abria a semente de pupunha na faquinha né, quebrava com um pauzinho, Aí depois eles inventaram uma máquina, assim que você joga lá dentro e faz, vrumvrum, .

ENTREVISTADO - E aí você cata a semente. Agora já tem uns que já fizeram, o pessoal da minha família, eu sou o mais burrinho. Já fizeram um onde eles pegam e joga ele lá dentro e lava, já tira 80% da polpa e outro, eles cata só mais os 20% aí, já diminui bem mais. Fizeram máquinas, aí. Porque na verdade a questão por exemplo da, do palmito, por exemplo, do RECA. Foi uma coisa que praticamente foi o pessoal da nossa família

aqui, que Lordo fazia isso lá no Sul. Lordo é meu irmão e ele foi presidente do RECA, acho que uns 10 anos né. Dez anos foi presidente do RECA, ele mora aqui perto. Vocês vão passar lá. Então uma coisa que ele acreditava muito nisso porque lá mexia com conserva de palmito né. E aqui poderia se fazer de pupunha, como foi visitar bonal, E aquilo foi levando, foi indo , foi indo até que ele conseguiu. Quando ele era presidente, ele conseguiu aquela fábrica lá de pupunha de palmito. E aí começamo a trabalhar isso, então foi uma coisa implantada com isso. Aí nós começamos aqui a derrubar as pupunheira de espinho, nós aqui mermo, onde tivesse no meio, todos os espinhos. Aí aquilo virou uma regra dentro do RECA, aí a gente foi assim melhorando. Quando vamo plantar a gora, o que é de espinho, já não vamos levar pra roça, porque ele vai facilitar o trabalho, se você tiver pupunha lisa, então fomos melhorando, é esse tipo de coisa. Aí veio na produção da semente, vamos então arrumar alguma coisa para melhorar para facilitar o trabalho. E mais uma vez esse pessoal aí, trabalhou, eu não. Eu só ficava ouvindo né. E aplicava. Tem que aplicar né. Aquilo que é de bom. Tem que aplicar. É pra isso mermo né.

Verlaine - Quando o senhor falou, que eles viram a questão dos com espinho. Como que era? Era tentativa-e-erro? Através de estudos deles? Pela experiência que eles tinham eles identificaram isso? Como é que foi esse processo?

ENTREVISTADO – Praticamente nós identificamos isso, como assim uma coisa que te fura a mão né. Então sinal que nós tá furando a mão aqui né. Porque uma planta lisa você pode chegar aqui e mexer. Foi coisa que a gente mesmo viu né, e até porque quando alguém dizia . Ah lá tem semente de pupunha. Nós que semente de pupunha lisa. Opa. Ele quer semente de pupunha lisa. Vamos trabalhar semente lisa né. Então não só pela questão da gente querer, mas porque os pedidos vinham, pra semente de lisa né. Então a gente tinha de fazer algo. Então foi o que a gente fez, inclusive o RECA, numa época fez mutirão de gente. Oh vamos pra área de todos os sócios, vamos lá passar de planta por planta. Leva um spray junto com um pincel com tinta. Aquela que tiver com espinho passa o X nela e ela vai ter que ser eliminada. Se na próxima não tiver eliminada. A semente dele não pode ser comercializada. Então a gente trabalhou dessa forma

como regra né pra isso. Então, foram coisas adaptadas que a gente mesmo. Não é coisa que vem de fora , de dentro que a gente mesmo buscou e implantou e fez né.

Verlaine - E isso facilitou bastante o trabalho, a produção. E no caso teve um aumento de produção também?

ENTREVISTADO – No caso assim, a gente teve um aumento de produção de pupunha lisa e eliminou a de espinho né. Que é o que ninguém mais quer saber né. E nem pode também né. Nem pode. Antes você andava na roça, você cortava o palmito lá, ou mesmo caía lá de cima ou um pé que as vezes tombava lá, se tivesse , se tivesse muito bem calçado, Cê saia de lá com os pé todo cheio de espinho né. Então a gente mermo tem que perceber essas coisas e melhorar né. Então foram coisa que a gente adaptou né.

Verlaine - Em relação ao bem-estar de vocês e a qualidade de vida da sua família. O senhor considera que houveram melhoras? Nesses últimos anos?

ENTREVISTADO – Ah. Isso é visível. A gente chegou aqui arrastando a cachorrinha, era um negócio, era precário né. Bem precário né. Ah e talvez a gente, quando eu cheguei né, talvez eu e as pessoas que chegaram comigo, da minha família. Não tiveram a mesma dificuldade que os anteriores. Mas mesmo assim a gente passou por bastante dificuldades aqui, muita mesmo.

Leo - Vocês seriam a segunda onda por exemplo? A primeira onda foi o pessoal que chegou ali na década de 80 né já logo no início da fundação do RECA, antes um pouco né 70, 80.

ENTREVISTADO – 84. Daí 83, 84 é que estourou o negócio ali né. E foi até os anos 90 por aí, aí depois deu uma parada muito tempo bem estabilizada. Aí voltou depois com a onda da madeireira, aqui é 2014 né. Foi 2014 a onde da madeireira. Essa aí que chegou pra acabar com tudo. Pra nós isso não fez diferença, assim pra nós isso não melhorou nada. Essa questão das madeireira aí. Pra nós, porque nós vivíamos bem só trabalhando com o RECA. Não precisava disso não, mas. Os outros precisam.

Verlaine - Falando ainda de processo de produção. Como você pode descrever um pouco o processo de produção? Os recursos utilizados, os recursos necessários para cada atividade. Até a finalização da colheita pra fazer o escoamento?
Como funciona a colheita, faz multirão? Tem pessoas que ajudam?
ENTREVISTADO – Rapaz, eu cheguei a catar sozinho 2500 kg, e 2 horas da tarde tá tudo ensacado na beira da estrada, carregando nas costas. No tempo que eu guentava. Hoje eu não guento mais não. Mas assim nóis aqui, é só familiar mesmo.

Verlaine - As meninas na época ajudavam?
ENTREVISTADO – Oh, quando, assim que ela puderam ajudar. Elas ajudavam, quando elas tiveram aí em torno de 8 anos, 9 anos, por aí, o que podia, ia ajudar. Fazia praticamente quase nada, mas ia aprendendo o ofício né. Eu acho que é dali que se ensina eles a fazer as coisas. Então hoje todas elas é trabalham, na hora de ir pra roça. Ajudam plantar, ajudam colher, ás vezes vão ajudar a limpar, quando precisa tirar vassoura de bruxa. Essas coisa, por exemplo fazer aplicação do fungo, alguém acompanha para ficar, sempre acompanha assim, tão próximas, né. E às vezes, a minha esposa não gosta de ficar em casa, às vezes ela prefere que eu fique aqui cuidando aqui. E ela vai pra lá. E daí no processo assim, pra cê ver, o trabalho além dele ser familiar. É aquela rotina né, chegou o tempo da safra você já sabe, né. Segunda-feira é dia de catar cupuaçu, Então aí você não tem outra atividade né. Só depois que termina. Mas é aquilo, aí vem o processo da, de ajuntar na roça, vem o processo da seleção do fruto. Aí você descarta o que está estragado, ensaca o que é bom e põe na beira da estrada, porque ele leva né. E daí lá no RECA, ele é pesado, colocado lá. Na hora de beneficiar, outra seleção, o que não presta, mais uma vez é descontado do produtor né. Porque tem que ser dele, o produto é dele, vai descontar de quem? É do produtor mesmo que tem que ser descontado. Mas então é um processo dessa, dessa forma. A gente fala mais do cupuaçu, até porque o cupuaçu é o que hoje tá dando mais renda também né. A semente de pupunha já foi muito boa, mas hoje ela tem uma, temos bastante problema assim na questão de venda né, não sei se o pessoal de outro canto, de outras áreas que tinha, mas vendi pra tudo quanto é parte desse país né. E tá bem mais difícil de vender, né. Hoje também se comercialilza um pouco em frutos né. Então eu, no ano passado ,

eu vendi eu acho que 11 toneladas de frutos. Os cara vieram buscar aqui. Colhi, botava aqui dentro, bem espalhadinho, um cachinho do lado do outro, porque você não pode amontoar a pupunha. Se ela esquentou aí despenca tudo né. Então bem caprichadinho. Aí eles vinham buscar aqui de Porto Velho. Pagava uma miséria, mas era mais vantagem, você vender o cacho do que você colher semente, então. Você tinha esse trabalho.

Verlaine - Essa atividade, no caso, ela é via RECA, ou ela era fora reca?
ENTREVISTADO – Da venda dos frutos? Não essa é particular. É, essa é particular. Já foi pelo RECA. Já foi é. Bem no início mas lá para o início do RECA. Começou com fruto. Depois virou semente. Daí abandonou o fruto e ficou só a semente. E agora tá voltando para o fruto.
Verlaine - Mas essa é uma prática que você ainda tem hoje?
ENTREVISTADO – Tem, tem.
Verlaine - São distribuidores?
ENTREVISTADO – São feirantes de Porto Velho, que vem comprar aqui.

Fábio - Assim tem banana, tem várias coisas que eles vem buscar aqui. Banana, rambutan. Não passa pela Cooperativa, né. As pessoas fazem direto com o agricultor.
Léo - A cooperativa é uma segurança que o agricultor tem também, né.
Fábio - A cooperativa se debruçou sobre alguns produtos. Não conseguiu abraçar todos, Cupuaçu, foi o cacau, o açaí, algumas polpas de frutas. E a produção de óleos a partir da semente do cupuaçu. Isso foi mais posterior. E palmito né. Palmito de pupunha.

Verlaine - Porque também como o senhor disse que essa produção de frutos, ela é menor no caso, não é o forte.
ENTREVISTADO – Oh se fosse uma coisa que você pudesse vender tudo, era o forte. Mas eu acho que a minha produção atura, tenho plantio pra 40 toneladas de frutos, o problema é que aí eu tirei, nesse último ano vendi acho que 11 toneladas em fruto, acho que colhi uns 800 kg de semente, e o outro eu deixei lá na roça.
Verlaine -Mas você não tinha como escoar?

ENTREVISTADO – até porque, é tá bastante insegura, a questão da venda da semente né. Então as vezes você tem o trabalho.

Verlaine - Esse ano, por causa da pandemia?

ENTREVISTADO – Não. já vem desde 2015, desde 2015 a questão das sementes. Nós tivemos bastante queda em relação a semente. E era, era algo que enchia os olhos da gente, até 2014. Dali pra.

Verlaine - O senhor teria alguma explicação pra essa queda da venda dos frutos?

ENTREVISTADO – Nós tivemos um pessoal que comprava bastante da gente, era o pessoal do vale do Ribeira, São Paulo. Ali se vendia muita semente né. E eles tiveram a questão das estiagens, por um período bastante longo, e eles não puderam mais usar água nem pra produzir semente, nem pra produzir muda, nem pra produzir pra aguar plantio. Então ali deu aquela queda bastante grande aí o banco também viu que tava ruim, não financiou mais. Inclusive uns que compraram mudas depois não tiveram pra quem vender, outros que tinham feitos os pedidos, a partir daquele momento, tiveram que cancelar, e aí começou a criar aquela situação ali bastante complicado. E o pessoal tava preparado para atender muita, pra muita semente. Eu acho que se tivesse, por exemplo, venda pra 80 tonelada de semente, nós teríamos aqui pra vender 80 tonelada de semente no RECA, né. Mas, acontece que aí o mercado lá, é a questão do mercado.

Fábio - Teve 2 ou 3 fatores que influenciaram. Uma que a gente vendia para a Bahia, Bahia era um mercado mais restrito, por causa da munilha que é um problema do cacau. Eles tavam preocupado porque aqui na Bolívia tem munilha. E ela vai por transporte, vai na semente, ela tá. Então eles preocupados, eles fecharam um pouco a nossa porta aqui. Vendia muito pra Bahia. É, outra coisa é que assim o mercado também era, não era assim tão, e a gente foi aumentando a produção interna, e o pessoal na região também começou a produzir, e colocar por fora né. Então inchou o mercado né, de produção. O Perú começou a entrar com semente ilegal para o Brasil né. Ele produz antes e aquilo que é bom para os produtores de muda, ter semente antes. Aquele que tá primeiro com as mudas vende antes. Então também ajudou a dar uma arruinada, e outra coisa que eu tinha me lembrado agora, me esqueci. O outro fator é no Mato Grosso, o pessoal comprou a semente da gente, plantou lá, e agora eles produz sementes lá. Então eles já

não compram mais da gente, porque eles mesmos produzem as deles. Eu fui lá visitar, e os caras tão produzindo, aí é sacanagem. Né.

ENTREVISTADO – Quanto a semente do Peru que é mais perigosa da questão da munilha . É não tem controle, não tem controle nenhum na divisa. E então, os povo brasileiro legaliza ela e traz para cá então, e a nossa aqui acaba daí às vezes sobrando, até porque eles entrega num preço bem menor.

Verlaine - Isso foi uma dificuldade que vocês enfrentaram. Já conseguiram achar uma solução?

ENTREVISTADO – Tem um pessoal que. Eu não no caso, eu já disse, eu parei né, eu não vou mais plantar. Minha filha vai fazer um plantiozinho de pupunha pra palmito agora e fruto também, porque as minha tão ficando grande e fica ruim de colher né. E ela vai trabalhar com isso. Ela tem 21 anos, 22 eu acho que ela fez esses dias. Aí então ela vai fazer isso, mas eu não vou plantar mais. Mas tem um pessoal que tá plantando é café também, outros com cacau, né. Inclusive eu acho que tem uma pauta ali, pra questão de tentar, a questão do cacau com o RECA né. Como, como a gente pra pra receptor e também para incentivador né, a questão do plantio de cacau, pra que a gente possa na questão de substituir aquilo que por ventura o mercado esteje deixando de lado. E aí a gente tem que descobrindo mais coisas né mas aos poucos a gente descobre, né.

Fábio - Da pupunha mesmo, os frutos são uma coisa importante que a gente não tava aproveitando muito bem né. Pra alimentação humana né. É muita rica, pra fazer farinha, faz vinho, faz um monte de coisa, eu nem sabia que fazia tanta coisa com uma pupunha, né. Ate ração, da últimas coisas. Tem até o óleo dela que se extrai também.

Verlaine - Essa agregação de valores, vocês identificam por meio de estudos, veio pessoas de fora. Como que é possível fazer essa agregação de valores?

ENTREVISTADO – Isso. é nós mesmo que identifica né.

Fábio - As pessoas tão consumindo, fazendo as coisas em casa, Daí o outro fala nossa que bom. Daí começa, depois vem a pesquisa, traz né, tem a EMBRAPA, tem outras pesquisas sobre a pupunha mesmo.

Verlaine - No caso vocês vem isso no dia a dia mesmo, e aí vocês vão fazendo e no consumo diário você identificam alguma coisa e aí vocês vêem uma possibilidade de comercializar aquilo?

ENTREVISTADO – Sim. A gente tem que descobrindo uma outra coisa né. Porque se você ficar só tendo baixa, daqui a pouco você vai ter mais o quê? Nada né. Então como a semente da pupunha que era algo, algo muito positivo, ficou fraco. O palmito que nós tivermos sérios problemas, durante 2, 3 anos, hoje já tá bom. Mas o produtor parou de plantar, então é uma coisa que tá em baixa também, tem que se estimular isso a volta né. Porque o comércio tá aí, tá querendo e a gente não vai ter. E daí a questão do cupuaçu que o problema da broca, que é possível que futuramente a gente vá ter problemas muito mais sérios. E o cacau não é imune a esses problemas do cupuaçu, não é imune a isso. Então uma coisa que entra e a gente vê até onde vai, mas é uma coisa que futuramente também vai ter que ser substituída. Muita gente hoje, tem gente tá substituindo quase tudo por pecuária. É, infelizmente o sistema e as condições hoje levam a isso.

Fábio - Eu tava até falando com o ENTREVISTADO, o nosso tempo é pouquinho, ele é bem mastigado. È muito bom, mas a gente demora um pouquinho né. E outras cadeias são muito rápidas. O cara pagou já se livrou daquele problema, paga antecipado.

ENTREVISTADO – Então a gente esbarra nessa situações, né. A gente que , desde logo que cheguei aqui, comecei a mexer com pecuária, sim pouco né. Teve uma época que eu tinha 8 hectares de lavoura e tinha 50 hectares de pasto, durante vários anos isso se equivalia, um e outro, em renda. Então eu pensava porque que eu não tenho 16 hectares de lavoura e os 50 hectares tudo em mata? Se eu tivesse isso hoje, minha, minha terra em mata, não valeria nada. Porque o carbono, o carbono, ele te dá alguma coisa e é bom para quem quer preservar, que nem eu. Não quero mais, vou lá e tiro uma madeira quando eu preciso para o meu uso aqui, e corto um pau lá alguma coisa, que não é nada de absurdo. Quando eu corto 1, 2 ou 3 árvores, quando é daqui 8 a 10 anos que eu vou cortar de novo, né. Então não é uma coisa frequente, né. Mas assim pra quem não quer, pra quem não tem ideia de preservar, o carbono ele não soluciona o problema de ninguém. Eu aqui tenho uma coisa muito boa, justamente pra aquele que tá aí, pra quem não vai mais mexer, pra quem estabilizou que nem eu assim. Pra esses isso é muito bom, agora dizer assim que se vem te trazer solução dos problemas, não vem não. De jeito nenhum. Mas é uma atitude muito boa né. Não tô aqui discordando da situação de jeito nenhum, sou muito a favor, porque pro RECA, no geral tem sido muito positivo,

essa questão né. Mas não que soluciona problema. Dentro do RECA até solucionou várias coisas, né. O montante que ficava no RECA, era maior né. Era praticamente 50% de tudo que vinha para todo mundo, 50% pro produtor, 50% dentro do, da cooperativa em benefício de todo mundo né. Mas assim não era diretamente pro produtor né. O que também é bom, porque não adianta o produtor ter aqui e não conseguir escoar. Tem um lado positivo. Um pouco de cada um, todo mundo sai ganhando né.

Verlaine - É interessante isso que o senhor está dizendo, porque devido a esse conhecimento prático do dia a dia vocês conseguem identificar. E aí vocês conseguem conversar entre si e começar a buscar soluções que possam auxiliar na resolução desses problemas. O problema não é só seu. É seu, é do vizinho, é do outro e aí vocês estão conseguindo até hoje ir resolvendo

ENTREVISTADO – Superando. É eu acho que às vezes a gente tem bastante devagar nisso né. Devagar na questão, mas não é que a gente não tem as ideias e aos poucos ela não vai acontecendo. Só que talvez, em determinados locais com alguns, talvez assim, oh, tem uma boa proposta aqui e vão levar e todo mundo vai, vão tocar para frente. Não aqui, não aqui ela é muito discutida até que se siga avante. Porque pra trabalhar com o RECA, não adianta um produtor, ah eu vou plantar isso aqui, o RECA vai ficar. Isso não é viável então você tem que ter um grupo de pessoas que querem fazer algo e junto trabalhar junto para que vale a pena o investimento feito na cooperativa.

Verlaine - Em relação à questão dos resíduos, da redução de resíduos. Possui alguma técnica que tem auxiliado na redução de residuos das atividades que são desenvolvidas na propriedade?

ENTREVISTADO – Resíduo da produção? (sim da produção). Aqui, o resíduo da produção é aquilo que não vai para a cooperativa, ou aquilo que não é vendido. É isso que você está querendo dizer?

Verlaine - Esse e outros que por acaso existam.

ENTREVISTADO – Aqui por exemplo quando eu faço uma classificação do meu cupuaçu. Eu pego ele e tenho um galpão de alvenaria ali, que eu jogo tudo dentro. Então a broca, pra ela não sair. Diz que ela não sobe, então ela só vai quer descer, ela vai chegar no concreto, ela não vai sair, ela vai ficar aí dentro e ali provavelmente ela não vai ter terra

pra fazer o casulo dela, então ela vai morrer por aí. A pupunha da mesma forma, eu cato e tiro a semente e a polpa vai ali. Não consigo guardar tudo ali, mas o pouco que sobra a gente pega de volta para dentro da roça. E esse cupuaçu depois que ele seca, essas cascas desse resíduo que fica, ele é quebrado dentro daquele coisa lá mermo com soquete né, quebrado um pouco as casca e devolvido na roça. Como também a pupunha que o, a gente não consegue, eu ponho lá, ele desidrata, ele fermenta né. E aquilo chega a sair fumaça lá dentro, e aí ele esquenta com aquele, sai a água e fica desidratado. E depois a gente pega e mói e dá para galinha, porco, cavalo, bicho tudo come né. Meto num triturador.

Verlaine - Então sempre é reaproveitado?

ENTREVISTADO – Um pouco de cada coisa, não tudo. Não tem como aproveita tudo, mas um pouco a gente aproveita, né. Assim, aproveita assim , por exemplo como a pupunha, uma parte pra ração, e outra parte volta pra adubo, então na verdade tudo é aproveitado. Como o resíduo do cupuaçu também volta pra roça. E agora a gente busca lá na fábrica, a gente busca o composto para cá. Com 10 tonelada aí, põe umas lona em cima, porque a mulher quer primeiro roçá pra depois jogar, não quer jogar antes. Porque tem caroço de açaí, as vezes pega na perna assim, da roseira diz que dói muito. Aí deixa eu primeiro roçá daí nós vão jogar. Então mas assim na verdade a gente consegue a destinar tudo isso de volta.

Leo - O caroço do cupuaçu, que é resultante depois de tirar a polpa, que vocês fazem a manteiga?

Fábio - No início era só polpa né. Nem sabia que tinha caroço. Até tinha, o pessoal queria plantar o que não tem caroço né. Tem uma espécie que não tem caroço. Uma variedade de cupuaçu que não tem amêndoa, é só polpa. Aí depois descobriu-se que o caroço tem uma especialidade de óleo né. Então hoje inclusive, é o nosso principal produto. E agora tem o potencial pra chocolate. Porque você extrai uma parte do óleo, e uma parte é chocolate, é parente do cacau. Com um alto potencial, com características de, sensoriais. Só falta uma maquininha pra descascar ele. Só falta esse negócio aí.

Verlaine - Olhando pra fora, o que o senhor considera de diferente da sua produção, para a produção de outras pessoas? Pode ser o produto, o processo, pode ser o insumo, pode ser alguma questão do local, agregação de valores. Olhando para fora do RECA.

ENTREVISTADO – Eu, a gente leva em conta, eu um tempo desse, eu fui fazer visitas de auditoria, não é bem auditoria, auditoria é feito com auditor, e nós somos do conselho né. Era né. Saí agora a poucos dias, foi trocado. E a gente passa pelos lugares, onde tem os plantios do RECA e onde tema outra atividade, e passa naqueles lugares aonde tinha os antigos produtores do RECA. Então lá você vê, é tudo pasto e aquelas pupunheira velha, uma mortinha de castanheira lá né. Tão lá ainda. Oh aqui dá pra ver, aqui já foi um produtor do RECA. Principalmente pra você região quando você pega uma região, ali da eletrônica né, da linha 5, da eletrônica, pra aqueles lado lá. Em que as coisas não caminharam muito bem com o RECA não. Acho que eles viram uma outra possibilidade, que talvez a gente não tenha visto. E eles foram pra essa outra possibilidade. Não sei se isso foi melhor ou pior porque cada um sabe da sua situação né. Eu sei que aqui tá bom. E aí a gente vê como uma coisa diferente. A questão ambiental, por exemplo. Aqui nós temos, dali quando você passa na estrada, e você olha pra dentro e quando você olha uma imagem aérea da minha propriedade, da propriedade do Senildo lá, parece que você tá vendo uma floresta mermo. Então além de você ter ali o seu, tirar dali o seu sustento, o seu recurso dali. O que outros são apenas o gado, de uma maneira bem menor né, um lucro, valor bem menor. A gente ainda, tirá um valor maior. E ainda tem toda essa questão da contribuição ambiental e eu acho que hoje é super importante né. O mundo fala nisso e muitos brasileiros não querem nem que fale nisso, mas é por aí que vai né. Então eu acho que isso é um dos ganhos, bastante grande que a gente tem. Trabalhando com agricultura orgânica você ainda evita várias coisas né. Não que eu sou totalmente orgânico, tem essa propriedade aqui, que é orgânica. Aqui é totalmente orgânica. Porque tem algumas coisas, que as vezes a gente ainda não tá conseguindo a trabalhar sem usar isso. Aqui a gente tem o que, quando você vai comprar o adubo, o adubo nosso vem mais caro. Adubo pra orgânico é muito mais caro. Nós chegamos a pagar R$ 6,00 um kilo de um adubo, vem lá não sei daonde, não vem da China não, da China vem contaminado. Mas que vem aí de fora, a gente vai pagar isso, e 1 kg dá pra pouquíssimos pés. E aí então a gente tem essas dificuldades, mas a gente tem um ganho para o outro lado de você ter uma produção sadia, saudável né. E a gente acaba tendo um pouco de orgulho disso né. Embora que às vezes ele sai pesado pra gente né.

Verlaine - Essa agregação de valor, de ter essa contribuição ambiental, o senhor tem a certificação?

ENTREVISTADO - Sim.

Verlaine - O senhor acha que isso facilita também, a aceitação dos produtos diante do consumidor final?

ENTREVISTADO - Eu acredito que sim. Eu vejo assim, que pelo tanto que a gente vê falar, inclusive mais a questão da execução né. De que tem empresas que compram. Não é que compram o produto certificado, mas compram porque o RECA tem uma certificação. Então, eles compram porque? Porque comprando esse produto, eles tão dando, valorizando a certificação que a gente tem. Então a gente fazer parte disso. Se a gente pode ta contribuindo, com toda a organização, né.

Verlaine - No caso os fornecedores de vocês, vem daqui ou vem muita coisa de fora?

ENTREVISTADO – Fornecedores de insumo? Aqui o agricultor é mas a questão da produção e lá (cooperativa) é o beneficiamento e comercialização.

Verlaine - Falando de produção, vocês têm algum fornecimento de alguma coisa?

ENTREVISTADO – Oh. O que é fornecido pra nós é o calcário, pros caminhão chegar aqui. A gente paga 3 vezes mais caro, o frete né do que o calcário. Se o calcário custa R$ 50,00 a tonelada. Se ele custa 50,00 a tonelada, nós vão pagar mais 150 de frete por tonelada. Quando nós vamos buscar um adubo, além do valor alto, por causa da questão orgânica né. Ele também vem com esse frete acrescido porque ele vem de mais longe ainda. Porque a gente encontra em Rondônia, o calcário, o adubo, o pó de rocha e o potássio, o fosfato natural, esse não tem aqui por perto. Vem lá de fora, então a gente, ele tem uma agregação de valor muito grande, enquanto que esse custo é tudo repassado pra nós.

E já na questão do RECA, tudo que vem né, quando você fala de embalagem, pra embalar o cupuaçu, quando fala da embalagem do palmito, de rótulo. Aí vem de onde? De São Paulo, aí nós pagamos o frete de lá para cá e todo ele, frete e imposto e quando nós retornarmos com ele, nós pagamos novamente o frete e o imposto.

Verlaine - O fato de vocês terem se associado a cooperativa. No caso vocês tem outra associação?

ENTREVISTADO – Nós temos a associação do grupo aqui. Mas ela é parceira, tá mais voltada para a comunidade mesmo. Não é pra nenhum outro fim não. E as vezes pode ajudar na questão nossa, particular, individual de grupo, como pode ajudar na questão RECA né. Inclusive já criamos parceira já com projetos.

Verlaine - E em relação a ajuda de uma instituição local, política, algum outro ator, vocês tem algum incentivo, alguma ajuda?

ENTREVISTADO – O calcário que as vezes a prefeitura traz até no RECA. As vezes. A questão por exemplo das estradas aqui, quando eles botam a patrola. A caçamba e maquina pra espalhar, é tudo com a gente, a gente mermo que tem que pagar. E aí vai buscar lá na Amazonas, 17km pra lá, buscar um cascalho que preste, pra daí chegar, e a prefeitura não pode ponhar uma máquina, porque é do Amazonas. Dái a gente tem que colocar máquina particular, por trazer, pra gente escoar a produção. Se nós não dermos da nossa produção pra preparar estrada, pra escoar a safra seguinte, nós ficamos sem escoamento.

Verlaine - O senhor teve alguma cultura que foi recomendada por algum técnico que não deu certo? Houve alguma recomendação técnica que vocês receberam, fizeram e não deu certo?

ENTREVISTADO – Rapaz, a gente tem várias indicações. Ah e tal coisa assim , é uma coisa boa, pode ser uma coisa boa. O maracujá, a Graviola e vem tantas coisas, Eu na verdade eu não tenho tentei. Eu sou muito daquele assim que agora o que tem, chega pra eu cuidar. Não vou investir mais. No passado também oh. Pra eu cuidar disso aqui, a mão de obra tá no limite. Então eu não vou agora agregar mais trabalho, pra eu não dar conta de fazer. Porque o você faz, você tem que tentar fazer, pelo menos, bem feito. Não é o meu caso, porque eu não consigo fazer tudo muito bem feito, mas a gente consigo fazer razoavelmente. Pelo menos. E aí o retorno não vem, daí é a cultura que não presta. Mas as vezes são os cuidados que não adequados.